
Relato de experiência de produção do documentário “ÈPA BÀBÁ: um grito LGBT”¹

Marcelo Rodrigo da SILVA²
Marina Magalhães de MORAIS³
Cândida Maria Nobre de Almeida MORAES⁴
Delson da Costa FERNANDO⁵
Juan Pablo Luz MUNIZ⁶

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Parintins (ICSEZ), AM

RESUMO

Este texto relata a experiência do processo de produção do documentário “ÈPA BÀBÁ: um grito LGBT” (<https://www.youtube.com/watch?v=HG9uqZHd6zc>), que aborda a relação entre sexualidade e religião, defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Parintins-AM. A temática foi definida a partir da observação sobre o constante crescimento da presença LGBTQIAP+ em terreiros de Umbanda. O documentário de 25 minutos evidencia os motivos pelos quais acontece esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Jornalismo; Sexualidade; LGBTQIAP+; Religiões de Matrizes Afro.

Introdução

Pessoas da comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual (LGBTQIAP+) enfrentam, historicamente, preconceitos ligados a estigmas que perduram na história da humanidade. Muitos deles são propagados e fortalecidos por perspectivas religiosas. A maior parte dessas pessoas deixa de frequentar igrejas convencionais devido

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação, Alteridade e Diversidade do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor em Comunicação e Estudos da Mídia, Professor do curso de Jornalismo da UFAM/ICSEZ, e-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com.

³ Doutora em Ciências da Comunicação, Professora do curso de Jornalismo da UFAM/ICSEZ, e-mail: marinamagalhaes@msn.com.

⁴ Doutora em Comunicação e Estudos da Mídia, Professora do curso de Jornalismo da UFAM/ICSEZ, e-mail: candidanobre@ufam.edu.br

⁵ Doutor em Ciências da Religião, Professor do curso de Jornalismo da UFAM/ICSEZ, e-mail: acostaf@ufam.edu.br

⁶ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: juan.pablo.muniz.luz@gmail.com

ao julgamento e aos estigmas impostos por seus líderes e praticantes, unicamente pelo fato de viverem sexualidades diferentes. Uma vez que, dentro dessas igrejas, a homossexualidade é vista como “pecado”, quem a vivencia estaria condenado ao que se convencionou chamar de “inferno”.

Integrantes da comunidade LGBTQIAP+, na busca por um lugar onde possam ser aceitos e ao mesmo tempo, cultuarem suas crenças, encontraram nas religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, espaços de acolhimento sem distinção de gênero, com liberdade para serem quem são, sem precisar se reprimirem para caber dentro de uma doutrina religiosa.

Em vista disso, o documentário audiovisual “ÈPA BÀBÁ: um grito LGBT”, foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Parintins-AM pelo então estudante Juan Pablo Luz Muniz, orientado pelo professor Marcelo Rodrigo da Silva. O trabalho, que lançou mão das teorias e técnicas do Jornalismo para experimentar as linguagens audiovisuais, teve o objetivo de investigar os motivos pelos quais está aumentando a presença do público LGBTQIAP+ nas religiões de matrizes afro, em especial a Umbanda e o Candomblé na cidade de Parintins-AM.

Nesse contexto, a produção do documentário encarnou a missão de dar visibilidade às discussões envolvendo gênero, sexualidade e religiosidade. Uma vez que os tensionamentos entre religião e sexualidade são muito delicadas e pouco abordada no universo acadêmico do Jornalismo e, mais especificamente, no interior do Amazonas, a urgência e emergência do trabalho se fizeram ainda mais latentes.

O título e o subtítulo “ÈPA BÀBÁ: um grito LGBT” foram resultantes de uma escolha poética. A primeira parte “ÈPA BÀBÁ” é uma saudação ao orixá Oxalá, considerado rei de todos os orixás, ou simplesmente Deus. Ela exprime um cumprimento com admiração e significa “o senhor realiza” ou “obrigado, pai”. Por conseguinte, “um grito LGBT” remete à ideia de gratidão por parte deste grupo, por serem bem recebidos nas religiões que cultuam esse orixá.

No título do documentário foi adotada a terminologia “LGBT” para permitir uma leitura e compreensão mais rápida e fácil e segue o raciocínio de Simões e Facchini (2009), quando adotam a formulação aprovada pela I Conferência Nacional GLBT, referindo-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Eventualmente, a sigla assume variantes que invertem a ordem das letras (colocando o “T” à frente do “B”), duplicam o “T” (para

distinguir entre travestis e transexuais, por exemplo) ou acrescentam novas letras que remetem a outras identidades (como o “I” de “intersexual” ou o “Q” de “queer”).

[...] até 1993, o movimento aparece descrito predominantemente como MHB (movimento homossexual brasileiro); depois de 1993, como MGL (movimento de gays e lésbicas); após 1995, aparece primeiramente como um movimento GLT (gays, lésbicas e travestis) e, posteriormente, a partir de 1999, figura também como um movimento GLBT – de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, passando pelas variantes GLTB ou LGBT, a partir de hierarquizações e estratégias de visibilização dos segmentos. Em 2005, o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros aprova o uso de GLBT, incluindo oficialmente o “B” de bissexuais à sigla utilizada pelo movimento e convencionando que o “T” refere-se a travestis, transexuais e transgêneros. Em 2008, nova mudança ocorre a partir da Conferência Nacional GLBT: não sem alguma polêmica, aprova-se o uso da sigla LGBT para a denominação do movimento, o que se justificaria pela necessidade de aumentar a visibilidade do segmento de lésbicas. (FACCHINI, 2012, p. 140)

Ainda de acordo com a autora, enquanto boa parte dos movimentos sociais que foram mais visíveis nos anos 1980 experimentou um processo de crise, o movimento LGBT não apenas cresceu em quantidade de grupos e diversificou os formatos institucionais, como também ampliou sua visibilidade, sua rede de alianças e espaços de participação social.

Discussões

A procura do público LGBTQIAP+ por religiões de matrizes afro acabam evidenciando a convergência de grupos vitimizados pela intolerância: intolerância de gênero e intolerância religiosa. De acordo com dados da pesquisa “Respeite o meu terreiro”, elaborada pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (Renafro) em parceria com o Ilê Omolu Oxum (2022), no ano passado, até o mês de julho, o Brasil registrava três queixas de intolerância religiosa por dia. Já havia 383 denúncias de intolerância religiosa entre janeiro e junho apenas no Disque 100, serviço para denunciar violações de direitos do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

O Estado com mais registros é Rio de Janeiro, com 81 denúncias, seguido de São Paulo, com 63, Minas Gerais (29). A maioria os relatos foram feitos por praticantes de religiões de matriz africana. Grande parte das vítimas, 65,8% são mulheres. A situação se agrava no ambiente virtual, com 2.813 denúncias entre janeiro e junho de 2022, onde houve um acréscimo de 654,1%, em relação ao mesmo período de 2021. Além da subnotificação

dos casos de racismo, há indícios de que a maioria das pessoas que chegam à delegacia não conseguem fazer uma denúncia, por entraves burocráticos ou leniência dos servidores.

Ainda conforme a pesquisa “Respeite o meu terreiro”, entre as religiões identificadas, a que apresentou maior número de adeptos foi Candomblé Ketu/Nagô (41%), seguida por Umbanda (19,3%), Híbrido (17,2%), Tambor de Mina (7%), Batuke (4,9%), Candomblé Jeje e Candomblé Angola (ambos com 4,1%) e Omolokô (1,6%).

De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, os católicos representavam 65% da população brasileira. Naquela época, eram quase 124 milhões de adeptos, enquanto que os evangélicos somavam mais de 42 milhões. O IBGE apontava que, menos de 1% dos brasileiros praticavam as religiões de matrizes africanas. Apesar da defasagem de mais de dez anos, o censo demográfico não corrigiu a sua abordagem sobre religiões, onde apresenta apenas uma única questão a respeito. Isto afeta diretamente a apuração sobre o número de praticantes de religiões de matriz africana.

Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho, optou-se pela produção de um documentário por abordar uma temática para a qual se torna necessário preservar a riqueza de sentidos resultantes do ato de ver e ouvir as histórias de personagens da vida real, que passaram pela experiência de se sentirem aceitos nos grupos que professam sua fé na Umbanda e no Candomblé. Os gestos e expressões de cada entrevistado constitui uma atmosfera de significados que permite a expansão do espectador. O enquadramento com a linguagem jornalística também foi um fator determinante para a escolha do formato documentário, definido como:

[...] todo método de registro em celuloide de qualquer aspecto da realidade interpretada tanto por filmagem factual quanto por reconstrução sincera e justificável, de modo a apelar seja para a razão ou emoção, com o objetivo de estimular o desejo e a ampliação do conhecimento e das relações humanas, como também colocar verdadeiramente problemas e suas soluções nas esferas das relações econômicas, culturais e humanas (LUCENA *apud* DA-RIN, 2012, p. 15).

Por meio dos relatos, o documentário teve como foco a ocorrência da migração do público LGBT para as religiões Umbanda e Candomblé. Para Nichols (2005), a produção de um documentário pode vir a ser

[...] relativa ou comparativa. Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda (NICHOLS, 2005, p. 47).

Para Ramos (2008, p. 22), o “documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo”.

A princípio, a produção do documentário surge com uma pesquisa exploratória, visto que não foram localizadas investigações que se debruçassem sobre a migração desse grupo estigmatizado para as casas onde se cultuam a Umbanda ou Candomblé. O método de coleta de dados utilizado foi a pesquisa de campo para observar eventos e manifestações fenomenológicas como ocorrem naturalmente, coletar dados sobre eles e anotar variáveis relevantes para sua análise (MARCONI & LAKATOS, 2003).

A pesquisa de campo propriamente dita não deve ser confundida com a simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 185).

A escolha do tema do documentário partiu da observação do próprio autor/pesquisador, que observou o movimento migratório em tela. Com a observação, o autor da pesquisa identificou sujeitos estratégicos para compartilharem suas experiências: 1) Mãe Bena, mãe de santo, mulher cis, negra e umbandista; 2) Mãe Sofia, mãe de santo, mulher transexual, LGBTQIAP+ e umbandista; 3) Pai Caio, pai de santo, homem cis, LGBTQIAP+ e candomblecista; 4) Fernando Moraes, filho de santo, homem cis, LGBTQIAP+, candomblecista e presidente da Associação de Gays, Lésbicas, Transexuais e Travestis de Parintins, Parintins (AGLTPin); 5) Thomas Leal, filho de santo, homem transexual, LGBTQIAP+ e umbandista; 6) Felipe Garcia, filho de santo, homem cis, umbandista e tem um relacionamento LGBTQIAP+ dentro do terreiro em que frequenta com 7) Marden Rodrigues filho de santo, homem cis, LGBTQIAP+, umbandista.

Figura 1: Mosaico de imagens dos entrevistados (Mãe Bena, Mãe Sofia, Pai Caio, Fernando Moraes, Thomas Leal, e o casal Marden Rodrigues e Felipe Garcia, respectivamente)







Fonte: Autor do Documentário

O documentário foi dividido em cinco partes: 1) Apresentação do problema, a homofobia em igrejas tradicionais e a mudança de religião de pessoas LGBTQIAP+. 2) Contextualização do tema com o Candomblé 3) Contextualização do tema com a Umbanda 4) Correlação dessas religiões com o público LGBTQIAP+ 5) Encerramento.

Um total de 4 horas de entrevistas e 10 horas de imagens de cobertura foram editadas. O autor do documentário ainda conseguiu os direitos de uso das músicas de Dudu Tucci, diretamente com o músico e compositor brasileiro, residente em Berlim, Alemanha.

O trabalho possui a duração de 25 minutos, com imagens e entrevistas gravadas por uma câmera modelo Canon EOS REBEL T6 e uma câmera Nikon T7500. Para a captação de áudio foi utilizado um microfone de lapela e um celular da marca Samsung A01 Core e outro Xiaomi Redmi Note 9s. E por fim, foi editado no programa Adobe Premiere.

Para desenvolvimento deste trabalho, foram feitas 6 entrevistas, com 7 pessoas, uma delas com um casal. Nas entrevistas foram contadas experiências e relatos de pessoas LGBTQTs com as mais diversas religiões e como chegaram até as de matrizes africanas. Para isso, o produtor conversou com quatro filhos de santo criteriosamente selecionados. Além deles conversou-se também com 2 (duas) mães de santo umbandistas e um pai de santo candomblecista.

A partir de então, o pesquisador despreendeu-se do pré-roteiro e focou apenas nas imagens que registrou, preocupando-se com um bom desenvolvimento para seu produto final. Esse roteiro pode ou não aderir à estrutura traçada no tratamento escrito durante a fase de pré-produção, que serviu de roteiro para as filmagens e identificou os principais pontos de interesse para o documentário (PUCCINI, 2012, p. 93). Desliga-se um pouco do que foi planejado e cria-se novos conceitos de montagem usando o material reunido, mas ainda aderindo às ideias principais da narrativa pré-planejada.

O documentário foi dividido em partes para facilitar a compreensão dos temas abordados. Apresentando então, na primeira parte, uma contextualização de relatos LGBTQIAP+ com o Candomblé, e na segunda, com a Umbanda. Na terceira parte da obra, o espectador tem um entendimento geral de como essas religiões recebem pessoas LGBTQIAP+ e encerra-se com fala de líderes religiosos que representam cada religião sobre como veem a relação entre religião e sexualidade.

Apesar das muitas dificuldades e precariedade estrutural enfrentadas pelo Laboratório de Videofusão da Ufam de Parintins, todos os equipamentos utilizados para a produção deste trabalho, com exceção apenas dos celulares, foram cedidos e emprestados pela Universidade.

A maioria das imagens registradas, foram feitas em Parintins, cidade onde o trabalho foi produzido. Por este motivo, não houve custos altos. Entretanto, ao visitar o terreiro de candomblé do Pai Caio, localizada a 4 km do Centro de Parintins, na comunidade de Vila

Amazônia, foi gasto R\$7,00 (sete reais) em um bilhete da passagem de barco. Totalizando assim, o custo global de R\$14,00 (quatorze reais), somando ida e volta. Além disso, a identidade visual do documentário também foi contratada no valor R\$40,00 (quarenta reais).

Considerações Finais

Ao produzir um trabalho desta dimensão, que visa ouvir e entender relatos e experiências como as ditas no documentário, que são muito impactantes, é impossível sair com a mesma mentalidade. Desde o primeiro contato com cada entrevistado, o pesquisador já se sentiu impactado, primeiramente pela forma como foi recebido.

Através dos relatos, o pesquisador percebeu que o público LGBTQIAP+, procura ser aceito em lugares onde se sinta bem. Todos os entrevistados já cultuaram outras religiões, e nesses relatos, uns contam que foram respeitados e outros não, mas que em todos os casos, no final das contas, os líderes e praticantes dessas igrejas queriam mudá-los. Eles não querem ser obrigados a ser o que não são, mas sim respeitados e acolhidos da mesma maneira. Como querem viver livremente suas práticas de fé, procuram locais onde possam exercê-las sem serem julgados. Pelos depoimentos coletados, até agora só encontraram essa realidade em religiões de matrizes africanas.

Não é possível sair de uma produção como essa com o mesmo pensamento. Chocam-se realidades dos pensamentos de senso comum. O documentário ecoa “um grito LGBT”, dado pelos entrevistados em agradecimento à Oxalá “ÈPA BÀBÁ”: obrigado por me aceitar como sou, por não me julgar, obrigado por me acolher e me respeitar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. V. de. **Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade**. 22ª ed. Lisboa: Fim de século, 2000.

ALVES, Zedequias. **Religião e Sexualidade: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo**. Dissertação (mestrado em ciência da religião). Universidade presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido - tradição e transformação do documentário cinematográfico**. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

FACCHINI, R. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 3, n. 04, 27 nov. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica 1**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papyrus, 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2008.

RENAFRO e ILÊ OMOLU OXUM. **Respeite o meu terreiro**: pesquisa sobre o racismo religioso contra os povos tradicionais de religiões de matriz africana. Disponível em: <https://defensoria.rj.def.br/uploads/imagens/2e80ce9ffa1647a881eb7551f6846c0a.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SIMÕES, J. A; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris**: Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.